

23. Os Frutos da Justificação: Paz com Deus, Acesso à Graça e a Esperança da Glória (Rm 5:1-2)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 26/01/2026 09:07

A Justificação como Fundamento Inabalável

Para compreender a profundidade da paz e da esperança cristã, é necessário primeiramente entender o alicerce sobre o qual elas são construídas: a justificação pela fé. O texto de Romanos 5 inicia-se com uma conjunção conclusiva que conecta tudo o que será dito a seguir com os argumentos apresentados nos capítulos anteriores da epístola.

O apóstolo Paulo, após discorrer longamente sobre a universalidade do pecado e a incapacidade humana de alcançar a Deus por méritos próprios, estabelece que a salvação ocorre exclusivamente pela fé em Jesus Cristo. Ao chegar ao capítulo 5, ele não está mais debatendo como ser salvo, mas sim descrevendo as **consequências benditas e os privilégios dessa salvação já consumada**.

"Justificados, pois, mediante a fé, temos **paz com Deus** por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." ([Romanos 5:1](#))

A Natureza Jurídica da Justificação

A palavra "justificados" carrega um peso jurídico imenso. No contexto bíblico, ela pertence aos tribunais forenses. Ser justificado não significa, neste primeiro momento, tornar-se moralmente perfeito ou isento de falhas de caráter — isso é o processo de santificação, que ocorre ao longo da vida. A justificação é **um ato declaratório de Deus**, o Juiz Supremo.

Quando o texto sagrado afirma que fomos justificados, ele está declarando que, diante do tribunal divino, **o réu foi absolvido**. Não há mais condenação. A dívida foi paga, e a justiça de Cristo foi imputada ao crente. É uma mudança de status legal: **de condenado e inimigo, o indivíduo passa a ser declarado justo**.

É crucial notar o tempo verbal utilizado. A justificação é apresentada como um fato consumado, algo que já ocorreu no passado e cujos efeitos permanecem no presente. Para o cristão genuíno, a justificação não é uma meta a ser alcançada no fim da vida, mas **o ponto de partida da sua caminhada com Deus**.

A Fé como Instrumento, não como Causa

A expressão "mediante a fé" esclarece o **meio pelo qual essa graça é recebida**. A fé não é a causa meritória da justificação; ou seja, Deus não nos justifica porque a nossa fé é uma obra boa ou valiosa em si mesma. A causa da justificação é a graça de Deus e o sacrifício de Cristo. A fé é apenas o instrumento, a "**mão estendida**" de um mendigo que **recebe o presente inestimável de um rei**.

Portanto, este fundamento é inabalável porque não repousa sobre a volubilidade das emoções humanas ou sobre a inconstância das obras pessoais, mas sobre a obra perfeita e imutável de Cristo na cruz. É sobre essa rocha sólida — a declaração legal de que não há mais condenação — que se erguem os pilares da paz, do acesso à graça e da esperança da glória.

Paz com Deus

O primeiro e mais imediato fruto da justificação é a paz COM Deus. É fundamental, contudo, fazer uma distinção teológica precisa para não cairmos em erros de interpretação que podem gerar angústia na vida prática do cristão. O texto não diz que temos a "paz de Deus" neste versículo específico, mas sim "paz com Deus".

Embora pareça apenas uma preposição diferente, a distinção é vital. A "**paz de Deus**" (menionada em [Filipenses 4:7](#)) refere-se a um **sentimento subjetivo, uma tranquilidade interior que guarda o coração** e a mente. Já a "**paz com Deus**", tratada aqui em Romanos, é um **estado objetivo de relacionamento**, não é um sentimento, é um ato de Deus que independe de nós.

O Fim da Hostilidade

Para entender o valor dessa paz, é preciso compreender a condição anterior do ser humano. A Bíblia descreve o homem natural não apenas como indiferente a Deus, mas como inimigo dEle. Existe, por natureza, um **estado de guerra e hostilidade entre o Criador Santo e a criatura pecadora**. A ira de Deus reposa sobre a impiedade.

"Porque, se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida." ([Romanos 5:10](#))

A **justificação é, portanto, o tratado de paz**. Imagine duas nações em guerra que, finalmente, assinam um armistício definitivo. As armas são depostas, a hostilidade cessa e a relação muda de inimizade para amizade. Ter paz com Deus significa que **a guerra acabou**. Deus não está mais irado contra o crente; **Sua justiça foi satisfeita na cruz**.

A Certeza Objetiva vs. A Inconstância Emocional

Essa distinção é consoladora porque nossos sentimentos oscilam. Um cristão pode, em momentos de grande tribulação, luto ou ansiedade, não sentir a paz de Deus. Ele pode estar com o coração aflito e a mente turbulenta. No entanto, isso não altera em nada a sua *paz com Deus*.

A **paz com Deus é um fato jurídico e imutável, garantido por Cristo**, não pelas nossas emoções. Mesmo no dia mais difícil, quando tudo parece dar errado e a ansiedade bate à porta, o status do justificado permanece inalterado: ele está em paz com o Criador.

"A paz com Deus é a rocha sólida sob os nossos pés; a paz de Deus é o sentimento que inunda a alma. Podemos perder momentaneamente a sensação da segunda devido às aflições da vida, mas jamais perderemos a realidade da primeira."

Portanto, a justificação nos **garante que o acesso ao Pai está livre de barreiras de inimizade**. Não há mais condenação, não há mais ira a ser derramada sobre nós. O que existe agora é um relacionamento restaurado e seguro.

Acesso ao Pai e a Firmeza na Graça

Além da paz jurídica, a justificação concede ao crente um privilégio extraordinário de relacionamento: o **acesso direto à presença de Deus**. O texto de [Romanos 5:2](#) declara que, por meio de Cristo, "obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes".

A palavra grega utilizada para "acesso" (*prosagoge*) remete à ideia de ser introduzido na presença

de um monarca. No mundo antigo, a figura do rei era inacessível e temível. Ninguém podia entrar na sala do trono sem ser convocado, sob pena de morte.

A Ilustração da Rainha Ester

Para ilustrar o peso desse privilégio, podemos observar o relato bíblico da Rainha Ester (Ester 4 e 5). Mesmo sendo a esposa do rei Assuero, o monarca mais poderoso da Terra na época, ela sabia que não podia entrar em sua presença sem convite. A lei persa era clara: qualquer um que se aproximasse do rei no pátio interior sem ser chamado seria morto, a menos que o rei estendesse o cetro de ouro.

Ester, temendo por sua vida, jejuou por três dias antes de ousar apresentar-se. Ela entrou na sala do trono com a famosa sentença de resignação: "Se perecer, pereci". Foi um momento de tensão extrema, dissolvido apenas quando o rei, por benevolência, estendeu o cetro para ela.

O Cetro Sempre Estendido

O contraste com a realidade cristã é magnífico. **Diferente de Ester, que entrou com medo e incerteza, o cristão justificado tem livre acesso ao Pai a qualquer momento**. Não há necessidade de agendamento, não há risco de rejeição e não há medo de morte.

"Pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne..." ([Hebreus 10:20](#))

Por meio de Jesus Cristo, o "cetro" de Deus está permanentemente estendido para nós. Temos a liberdade de entrar no Santo dos Santos para apresentar nossas petições, dores e gratidão, sabendo que seremos recebidos não com ira, mas com amor paternal.

Firmes na Graça

O versículo conclui esta parte afirmando que este acesso nos introduz a uma "graça na qual estamos firmes". A graça aqui não é descrita apenas como um evento pontual, mas como um *lugar* ou uma *esfera* de existência. O cristão não apenas recebeu graça; **ele habita na graça**.

O termo "estamos firmes" sugere estabilidade e permanência. Não estamos em um terreno escorregadio, onde a qualquer momento podemos perder o favor de Deus por um deslize. Estamos assentados sobre uma rocha. A posição do justificado é segura. Ele vive, respira e se move dentro do ambiente da graça divina, o que lhe confere **segurança inabalável para prosseguir na jornada da fé**.

A Esperança da Glória

A sequência dos benefícios da justificação culmina em uma perspectiva futura que transforma o presente. O texto de Romanos 5:2 encerra dizendo: "...e nos gloriamos na esperança da glória de Deus".

Esta frase resume a atitude do cristão em relação ao futuro. Enquanto o mundo muitas vezes olha para o amanhã com incerteza ou temor, o justificado olha com uma expectativa jubilosa.

O Significado de "Gloriar-se"

O termo original traduzido como "gloriamos" ou "regozijamos" carrega um sentido intenso. Não se trata apenas de um leve sorriso ou de um otimismo superficial. A palavra sugere um **exultar**

triunfante, uma confiança tão profunda que beira a jactância (orgulho) — não uma jactância em si mesmo, mas no que Deus prometeu. É uma alegria vibrante e vocal, fundamentada na certeza da vitória final.

A Natureza da Esperança Bíblica

É crucial redefinir o conceito de "esperança" para os padrões bíblicos. No uso cotidiano, a palavra esperança geralmente denota dúvida ou desejo incerto, como alguém que diz: "Espero que não chova amanhã". Nesse caso, a pessoa não sabe o que acontecerá, apenas deseja um resultado.

A esperança cristã, contudo, é diametralmente oposta à dúvida. Ela é sinônimo de **certeza absoluta**.

"*Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.*" ([Hebreus 11:1](#))

Quando a Bíblia fala em "esperança da glória", ela está falando de um evento futuro que é tão certo quanto um fato passado, pois é garantido pela promessa de Deus que não pode mentir. É uma âncora lançada no futuro, que mantém o barco da vida estável no presente.

A Restauração da Glória Perdida

Mas o que é essa "glória de Deus" que esperamos? Para entender isso, devemos olhar para o diagnóstico da condição humana apresentado anteriormente em Romanos:

"*Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.*" ([Romanos 3:23](#))

O pecado destituiu o ser humano da glória original para a qual foi criado. A humanidade vive, portanto, em um estado de queda e degradação. A "esperança da glória" é a promessa da restauração completa. É a **expectativa da glorificação final**, quando seremos transformados, receberemos corpos incorruptíveis e seremos moralmente aperfeiçoados para habitar na presença de Deus sem qualquer mácula.

O cristão se alegra hoje porque sabe que sua história não termina em uma sepultura, mas na **ressurreição e na glória eterna**. Essa perspectiva eterna é o que permite viver com propósito e alegria, mesmo em meio a um mundo quebrado.

A Aplicação Prática da Justificação

A doutrina da justificação pela fé não é um conceito abstrato reservado para debates acadêmicos; ela é o motor da vida cristã prática. A realidade de estar em paz com Deus e ter a esperança da glória transforma radicalmente a maneira como enfrentamos os desafios do dia a dia, especialmente o sofrimento.

Paulo avança em seu argumento para dizer que, por causa dessa segurança, **'nos gloriamos nas próprias tribulações'** ([Romanos 5:3](#)). Isso pode soar contraditório à mente natural. Como alguém pode se alegrar no sofrimento?

O Sofrimento com Propósito

É vital esclarecer que o cristianismo não ensina o masoquismo. O crente não sente prazer na dor em si, nem busca o sofrimento como um fim. A alegria nas tribulações decorre do **conhecimento de que o sofrimento, nas mãos de um Pai amoroso, produz resultados espirituais valiosos.**

A justificação muda a lente pela qual vemos a dor. Se estamos em paz com Deus, sabemos que a aflição não é uma punição de um juiz irado, mas a disciplina formativa de um Pai que nos ama. Paulo descreve uma cadeia produtiva de amadurecimento:

1. **A tribulação produz perseverança:** Assim como um músculo precisa de resistência para crescer, a fé precisa de provação para se tornar robusta.
2. **A perseverança produz experiência (ou caráter aprovado):** A palavra grega *dokimé* refere-se ao metal que passou pelo fogo e foi purificado. É a certeza de que a nossa fé é genuína porque resistiu ao teste.
3. **A experiência produz esperança:** Ao ver Deus nos sustentando nas dificuldades do passado, nossa confiança no futuro se fortalece.

A Certeza Subjetiva do Amor de Deus

O clímax dessa aplicação prática é a experiência interna e subjetiva do amor divino. Enquanto a "paz com Deus" é um fato objetivo (jurídico), Deus não nos deixa sem o consolo emocional.

"*Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.*" ([Romanos 5:5](#))

Aqui reside o equilíbrio perfeito da vida cristã: temos a segurança legal da justificação e a experiência afetiva do Espírito Santo. **Em momentos de dúvida ou dor, o Espírito testifica em nosso interior que somos amados.** Não é um amor que conquistamos, mas um amor que foi "derramado" — uma imagem de abundância e generosidade.

Conclusão

Portanto, a justificação pela fé é o solo fértil onde floresce toda a vida cristã. Ela nos tira do tribunal da condenação e nos coloca na sala de banquetes da graça. Ela nos dá paz para o passado (perdão), acesso e força para o presente (graça) e uma alegria inabalável para o futuro (glória).

Viver à luz dessa verdade é viver com a cabeça erguida, sabendo que, venha o que vier, nossa posição diante de Deus é segura e nosso destino é glorioso.

Augustus Nicodemus. 23. Acesso e Regozijo (Rm 5.1-2).
<https://youtu.be/XFslvzJjWnY?si=8dp098lIZp1F6f-y>

Documento gerado em 26/01/2026 13:51:16 via BeHOLD